

**J. M. DE CARVALHO, *Ética, São João del-Rei, MG, Universidade Federal de São João del-Rei, 2010, 240 p.***

O Prof. José Maurício de Carvalho, estudioso dos temas do pensamento brasileiro e português, oferece-nos, neste volume prefaciado por António Paim e dedicado a Miguel Reale (1910-2006), um interessante conjunto de estudos, lidos ou escritos em diversas circunstâncias. A primeira parte "A génese da ética e o seu desenvolvimento no Ocidente e no Brasil" versa sobre a origem da ética no mundo grego, observa a permanência daquilo que os brasileiros chamam a permanência da meditação ética no pensamento luso-brasileiro, esclarece o horizonte em que se move e que chama "filosofia culturalista" e estuda o pensamento ético de dois autores: António da Silva Lisboa, Visconde de Cairu, contemporâneo da independência do Brasil e do já aludido Miguel Reale. A segunda parte da obra tem carácter sistemático e pretende elaborar e clarificar conceitos éticos: a escolha e a deliberação, a ética e a sociedade, a ética social e a ética individual, a consciência moral e a ecologia, os valores éticos a cultura.

O Autor move-se naquilo que chama o "culturalismo", se bem entendemos, algo próximo da filosofia dos valores. Trata-se de pensar a ética tendo em conta as suas mediações culturais, na linha moderna de que a ética, ou seja, a instância da subjectividade, é o lugar último do valor moral, visto como estimativa concreta da pessoa, situada num tempo e num lugar. É a partir deste horizonte que compreende a própria história da ética em Portugal e no Brasil. É um horizonte interessante mas, a nosso ver, revela alguma dificuldade em dar conta da lógica do pensamento ético português. De facto, ao contrário do pensamento europeu oficial, o pensamento portuense (que o Autor estuda), sem deixar de ser moderno, permaneceu fiel à instância metafísica, vista não como permanência da dominação religiosa cristã, mas como garantia da procura da verdade pelo sujeito, muitas vezes em conflito com a instituição religiosa. Este ponto é objecto de controvérsia entre estudiosos portugueses e brasileiros na interpretação dos mesmos autores (Amarim Viana, Sampaio Bruno, etc.), como se tem testemunhado nos Congressos do Centro de Estudos do Pensamento Português da Católica do Porto. A permanência da metafísica e da religião é, nesses autores, uma instância crítica e não uma instância dogmática. Este conflito de interpretações está patente em alguns estudos deste livro. Por isso, o aconselhamos vivamente aos leitores, como testemunho do pluralismo interpretativo e como caminho de mútua iluminação na procura de uma ética para a cultura pluralista em que vivemos.

Jorge Teixeira da Cunha